



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 72

Histórias sem fim

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Tem algumas histórias que a gente sempre tá contando e recontando por alguma razão. Pode ser a história de como você conheceu o seu namorado, ou namorada. A história daquela vez quando você quebrou a perna. Aquela história engraçada que o pessoal quase não acredita que é verdade... talvez você já conte meio decorado – com as mesmas palavras, com as mesmas pausas dramáticas, mas, de vez em quando, de tanto contar - e de tanto pensar nessa história – talvez você acabe lembrando de algum detalhe ou inventando – de propósito ou não – algum detalhe.

Ou talvez, de tanto contar, você acabe vendo essa história com outros olhos. Entendendo alguma coisa dela que você não tinha conseguido entender quando ela aconteceu... ou talvez ainda você acabe se entendendo de outro jeito de tanto contar a história.

Essas histórias acabam virando histórias sem fim nas nossas vidas. E essa semana, no Rádio Novelo Apresenta, a gente tem duas histórias assim. No primeiro ato, a gente tem a saga de um lugar que não existe mais. Mas a história dele não para de assombrar a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 1 - SÃO JOÃO MARCOS

Jane Pena da Rocha: A gente saía de casa cedo, e minha mãe falava para a gente, assim: "Hoje nós vamos almoçar na casa da vovó lá em São João Marcos".

Flora Thomson-DeVeaux: Faz tempo que tô pensando numa imagem. Uma família – mãe, pai, duas crianças – fazendo um piquenique na casa da avó. A vó não tá mais lá. Nem a casa da vó tá mais lá. O que tem é mato, e um traçado de pedras no chão que mostram onde a casa já esteve, anos e anos atrás.

Jane Pena da Rocha: A gente sentava lá perto da onde era a casa da minha avó, porque tinha – até hoje tem uma goiabeira lá perto, a gente forrava a toalha e almoçava na casa da vovó. Brincava, corria, às vezes ia para a beira do rio, e andava pela cidade – assim, no meio do mato, que era tudo mato. A igreja só tinha um pedaço da torre.

A gente ia e ela ia mostrando: "Aqui é a Rua da Palha, aqui era a casa do pessoal do Costa Docca". Ela só tinha medo de chuva, ela ficou tão traumatizada que... entrava lá se achasse que o céu escureceu, ela falava: "Não, vamos embora, vamos embora que a represa vai encher!" Ela tinha um medo daquela represa encher. Não é assim, a represa não enche assim, né. Mas eu acho que aquilo traumatizou tanto que ela tinha pavor e tinha que catar as coisas correndo e ir embora. Às vezes nem chovia nada.

Desde que eu me entendo por gente, eu já sabia o que era São João Marcos, como é que tinha acontecido, qual foi a história, toda a tragédia que atingiu a comunidade... é como se eu tivesse vivido aquilo ali, sabe?

Flora Thomson-DeVeaux: Você já tinha ouvido falar em São João Marcos antes de entrar nesse projeto da Light?

Dilma Andrade de Paula: Nada, absolutamente nada.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Dilma Andrade de Paula. Ela é professora de história aposentada.

Dilma Andrade de Paula: Eu sou mineira, de origem ali da Zona da Mata de Minas.

Flora Thomson-DeVeaux: A Dilma veio pro Rio pra estudar. E, ali no final dos anos 80, ela pegou um estágio que mudou o rumo da vida dela.

Dilma Andrade de Paula: E por um acaso, por indicação, fui parar no Departamento de Memória, na época, da Light, final dos anos 80. E lá tinha um projeto que era a memória das usinas hidrelétricas da Light. Uma equipe formada por sociólogos, historiadores e alguns estagiários como eu. E aí um dos primeiros temas do projeto era a história de São João Marcos.

Flora Thomson-DeVeaux: Tinha uma papelada monstra lá no acervo da Light que os estagiários tinham que organizar e sintetizar.

Dilma Andrade de Paula: Do processo de construção da usina hidrelétrica, que tipo de técnica na época foi empregada? Quanto tempo durou a construção? Coisas assim, mais gerais, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Às vezes, a gente começa pesquisando uma coisa, mas as fontes começam a gritar com a gente. Elas começam a brigar. Elas ficam dizendo: o tema não é esse aí. É esse aqui.

Dilma Andrade de Paula: Aí a chefia da equipe, eu acho que foi sendo orientada também a diminuir o enfoque social e centrar na questão mais técnica, o que ficou evidentemente impossível, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Era impossível porque naqueles documentos, na memória das usinas, tinha uma ferida aberta.

Dilma Andrade de Paula: Quase 50 anos, e parecia que tinha sido ontem. Isso foi o que me chamou mais atenção. Assim, é uma história muito encrencada. Eu mexi num vespeiro, e à medida que eu fui sabendo mais da história, outras questões foram aparecendo, e fui percebendo como aquilo era intrincado.

Flora Thomson-DeVeaux: A Dilma foi puxando o fio da meada.

Dilma Andrade de Paula: Foi uma pesquisa muito extensa.

Flora Thomson-DeVeaux: Acabou o estágio dela na Light, mas ela continuou pesquisando por conta própria. E a dissertação de mestrado dela acabou sendo sobre isso, sobre aquilo que tava gritando das páginas do acervo.

Dilma Andrade de Paula: Sobre o processo político de destruição de São João Marcos.

Flora Thomson-DeVeaux: São João Marcos é... era... uma pequena cidade na parte oeste do estado do Rio de Janeiro, não muito longe da divisa com São Paulo, encravada em meio às montanhas e à Mata Atlântica.

Dilma Andrade de Paula: Um município bastante antigo, no século XIX se notabilizou pela produção cafeeira, se tornou um dos maiores municípios produtores de café no estado do Rio, quiçá também no país.

Flora Thomson-DeVeaux: São João Marcos era pequena, mas era orgulhosa. A cidade era abastecida, elegante, com teatro, igrejas grandes... e rodeada de fazendas palacianas. Um monte de gente que virou nome de rua nasceu ali.

Políticos, advogados, homens do tipo que viram nome de rua. O escritor Alfredo Pujol. O Pereira Passos, que foi prefeito do Rio. O Ataulfo de Paiva, que foi ministro do STF. Mas, se você conhece a história dos municípios cafeicultores do Vale do Paraíba, você deve tá desconfiando do próximo capítulo. São João Marcos ascendeu com o café e caiu junto com ele.

Dilma Andrade de Paula: Pós-auge do café no Brasil, muitos municípios ficaram ali, existindo à míngua, sem um projeto efetivo de desenvolvimento regional, local. Então foi o caso de São João Marcos – só que piorado com a presença da Light.

Flora Thomson-DeVeaux: A presença da Light. Ou a Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company. A Light era uma empresa canadense que começou a fornecer energia e bondes no Brasil na virada do século. E, já naquela época, a companhia começou a comprar terras. Ali na região de São João Marcos. Centenas, depois milhares de hectares. As fazendas de café estavam falidas mesmo... e a Light tava querendo dar um novo destino praquelas terras.

As primeiras luzes elétricas nas ruas do Rio tinham se acendido ainda no século XIX. E, nos primeiros anos do século XX, a demanda só fazia crescer. Postes, bondes, prédios se eletrificando. E a capacidade da Light de entregar aquela energia toda não era infinita. Em dezembro de 1905, a empresa começou a construir uma das maiores e mais modernas hidrelétricas do mundo, naquela época. A Usina de Fontes. Isso significou uma primeira barragem.

Dilma Andrade de Paula: Com o passar do tempo, ela foi sendo ampliada, essa represa.

Flora Thomson-DeVeaux: A capacidade da represa foi sendo ampliada ao longo dos anos. E, no verão de 1909, a região de São João Marcos viveu o terror.

Dilma Andrade de Paula: E teve uma violenta epidemia de malária na região.

Flora Thomson-DeVeaux: Naquele ano, veio uma explosão de casos de malária. Nos registros da cidade, nos anos anteriores, pouquíssimas pessoas tinham morrido de febre. Uma, duas... dez no máximo. Ao longo de 1909, 770 pessoas na cidade morreram de malária. Isso numa cidade de 10 mil habitantes. Tinha famílias inteiras adoecendo e morrendo junto.

A mobilização na imprensa nessa época era intensa – em parte porque não faltava oposição à Light, por ser uma empresa estrangeira em expansão num setor crucial. Na cobertura dos jornais, a represa era chamada de assassina. “Represa da Morte”. E aí a Light resolveu fazer um tira-teima. Eles mandaram o Oswaldo Cruz lá. Oswaldo Cruz, o pai da Fiocruz, um sanitarista que tinha virado uma lenda viva no Rio depois de conter vários surtos de doenças na cidade. Se o Oswaldo Cruz não ia conseguir desvendar o que tava acontecendo, ninguém ia.

Dilma Andrade de Paula: Ele foi chamado como perito para avaliar se a Light tinha responsabilidade na epidemia de malária. A conclusão dele é que a Light não tinha sido responsável. Que a malária já era endêmica na região. Mas isso suscitou, evidentemente, muito debate, muita discussão. Eu, como pesquisadora, claro, não poderia jamais questionar o parecer de Oswaldo Cruz. Imagina, quem sou eu?

Flora Thomson-DeVeaux: Eu também não tenho nenhuma qualificação pra bater boca com o Oswaldo Cruz. Assim: olhando hoje, o que dá pra dizer é que provavelmente já tinha malária na região, mesmo. Mas é indiscutível que alguma coisa mudou – e mudou drasticamente – com a represa. Em 1908, a população de São João Marcos era de umas dez mil pessoas. Em 1911, já era um terço disso. Tinha gente fugindo, e tinha muita gente morrendo.

Dilma Andrade de Paula: Um distrito de Arrozal de São Sebastião foi totalmente dizimado. Os moradores morreram praticamente todos de malária.

Flora Thomson-DeVeaux: Enquanto isso, as águas iam chegando.

Dilma Andrade de Paula: À medida que a represa ia sendo alterada e aumentando, aqueles proprietários ali nas margens também iam sendo empurrados para outras regiões. As terras iam sendo não só inundadas, mas estradas desaparecendo... Eles foram ficando literalmente ilhados. Essa é a verdade.

Flora Thomson-DeVeaux: Ao longo de quase uma década, a Light foi construindo mais barragens ali na região. E com isso, a represa foi crescendo. Imagina uma série de vales enchendo que nem uma banheira. Os morros iam perdendo altura e virando ilhotas. O distrito de São João Marcos tava sendo inundado aos poucos. Uma fazenda aqui, outra fazenda ali... o centrinho ia ficando cada vez mais isolado – porque as estradas tavam virando rios. Ao mesmo tempo, eu imagino as luzes acendendo nas ruas do Rio. A modernidade tava chegando a galope. Ou, melhor: não tava mais chegando a galope. Tava chegando de bonde.

Dilma Andrade de Paula: E também, além da energia elétrica, a cidade do Rio de Janeiro passava por períodos constantes de falta de água.

Flora Thomson-DeVeaux: Entra século, sai século, e continua faltando água e luz, né? Mas a Light tava prestes a matar esses dois problemas com uma caixa d'água só. Ou melhor: com uma represa só.

Dilma Andrade de Paula: O estudo que foi realizado pela Light, corroborado pelo Clube de Engenharia, seria que a melhor fonte, seria então a captação ali em São João Marcos.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra dar conta da água e luz da cidade do Rio, a Light ia precisar altear a barragem. Aumentar a capacidade da represa. E isso ia significar uma coisa. As águas iam tomar o que tinha restado de São João Marcos. O centrinho. A prefeitura, as casas, as igrejas, a padaria, o hotel. Os clubes, os botequins, as barbearias.

Aqui, a gente já tá nos anos 30. E, claro, ao longo das décadas, mais gente já tinha morrido – de malária ou de velhice – e mais gente tinha metido o pé. A cidade de São João Marcos era uma sombra do que ela já tinha sido. Mas ainda tinha algumas milhares de pessoas morando no centrinho da cidade e nos arredores. Tem um relatório de 1938, escrito por um engenheiro chamado Rodolfo Pimenta Velloso, sobre essa proposta da Light. Ele diz que pode parecer um crime isso que eles estão pretendendo fazer – destruir uma cidade pra abastecer outra. Mas ele bota as coisas na balança. De um lado, dois milhões de habitantes. A capital do país. Do outro... bom, vou ler um trecho do relatório aqui:

"Por outro lado, sacrifica-se uma pequena cidade já sem vida [...] são pouco mais de 200 pessoas que vegetam e vivem presas, não tanto por amor à terra, do que por falta de meios para se deslocarem."

Daniella Soares: Hoje, relendo, é um pouco dolorido porque, tipo: "o que era a cidade, além de 200 pessoas vegetando".

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é outra pessoa que foi fuçar nos arquivos e se emaranhou na história de São João Marcos.

Daniella Soares: Eu sou a Daniella Soares, sou geógrafa.

Flora Thomson-DeVeaux: A Daniella fez a monografia dela sobre São João Marcos, uns anos depois que a Dilma de Paula começou a pesquisa dela. Elas chegaram a escrever um artigo juntas sobre a cidade, que tá linkada na página desse episódio no nosso site.

Daniella Soares: Os documentos dizem que, se ela viesse a ser reconstruída, ela não poderia nem ser reconstruída naquela bacia por conta justamente de você não levar a carga poluidora ou qualquer outra coisa para o reservatório. Então, de fato, você tem que desapegar, ir para outro lugar.

Dilma Andrade de Paula: E, como sempre, o debate, ele é sempre muito simplista, muito maniqueísta. Ou sobrevive São João Marcos ou sobrevive o Rio de Janeiro. Ora... é brincadeira, né? A questão é que, já na época, tudo indica existiam outras maneiras de fazer essa obra sem destruir a sede do município.

Flora Thomson-DeVeaux: Existiam outras maneiras. Mas isso ia ser caro. Complexo. E talvez não fosse sustentável a longo prazo. De qualquer forma...

Dilma Andrade de Paula: Não houve interesse.

Flora Thomson-DeVeaux: A dissertação da Dilma é sobre isso – sobre o enfraquecimento político da cidade. Sobre o esvaziamento do que tinha sido uma potência cafeeira, e como isso permitiu que ela fosse sacrificada por um “bem maior”. Agora, São João Marcos até podia cair. Mas ia cair lutando.

Dilma Andrade de Paula: Porque existia na região, ainda, Seu Luis Ascendino Dantas tinha sido político local, prefeito. Mas ele se transformou numa grande resistência à destruição. Ele escreveu vários livros. Ele escreveu manifestos aos jornais, apelos às autoridades políticas, abaixo assinados... clamando, lutando para que a cidade não fosse destruída.

Flora Thomson-DeVeaux: Em 1938, São João Marcos deixou de ser município e virou distrito de outra cidade vizinha, Rio Claro. A destruição tava batendo na porta.

Daniella Soares: Você já assistiu o filme que é sobre a construção de uma barragem e que eles precisam falar assim – "A gente precisa escrever a nossa história, para a gente mostrar que nós somos importantes".

Flora Thomson-DeVeaux: Eu não tinha visto esse filme.

Daniella Soares: Narradores de Javé.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas depois de falar com a Daniella, eu fui ver.

Daniella Soares: Esse filme é incrível.

Flora Thomson-DeVeaux: Narradores de Javé é um filme de 2003, da Eliane Caffé, que conta a história de uma cidadezinha no Nordeste. A primeira cena é justamente uma reunião dos moradores que tão recebendo a notícia: a cidade deles vai ser destruída, inundada por uma represa.

Zaqueu: *Vão construir a barragem, Javé tá no caminho das águas. Logo isso tudo vira represa.*

Flora Thomson-DeVeaux: O discurso é aquele mesmo.

Vado: *Vão ter que sacrificar uns tantos pra beneficiar a maioria. A maioria, não sei quem são, mas nós é que somos os tantos do sacrifício.*

Flora Thomson-DeVeaux: Todas as forças estão contra eles. Só que aí eles têm uma ideia.

Zaqueu: *Os homens disseram que só não inunda quando a cidade tem alguma coisa importante, história grande, quando é coisa de tombamento, e aí vira patrimônio. Aí eles não mexem nela.*

Flora Thomson-DeVeaux: O filme é sobre isso: sobre a corrida contra o tempo pra deixar registrada a importância de Javé.

Zaqueu: *Mas então vamos nós mesmos, hoje, escrever a grande história do vale de Javé!*

Flora Thomson-DeVeaux: E no filme, as pessoas conseguem impedir?

Daniella Soares: Acho que não.

Flora Thomson-DeVeaux: Romantizando um pouco, mas nem tanto.

Daniella Soares: Eu acho que não conseguem.

Flora Thomson-DeVeaux: Desculpa pelo spoiler, gente, mas a Daniella tinha razão. No fim, Javé acaba sob as águas da represa. Mas Javé não tinha um defensor como Luis Ascendino Dantas.

Dilma Andrade de Paula: Ele tentou de todas as formas, por abaixo-assinado, por artigos aos jornais, por apelos e graças a esses apelos, a essa força que ele ainda detinha, por mais que já estivesse enfraquecido, é que o SPHAN, eles tombam a cidade. Como patrimônio histórico. 1939.

Flora Thomson-DeVeaux: Foi um tanto drástico, né?

Dilma Andrade de Paula: Foi, foi. Foi totalmente. Naquelas condições de tomar uma cidade inteira. Em vista de um processo de destruição iminente. Então era isso que estava colocado.

Flora Thomson-DeVeaux: Em 1939, o SPHAN - o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que depois virou o IPHAN - era um órgão novinho do governo federal. Ele tinha sido criado só dois anos antes. E já tinha tombado uma cidade: Ouro Preto, em Minas. Mas, no relatório, eles até dizem que o caso de São João Marcos é um pouco diferente...

Dilma Andrade de Paula: Em condições normais, não justificaria o tombamento da cidade integralmente, mas que, devido à ameaça da destruição, eles então estariam tombando a cidade como um todo.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso foi em 1939. São João Marcos tinha sido fundada em 1739. Então ela ganhou de presente, nos 200 anos dela, a distinção de ser uma cidade tombada.

Dilma de Paula: E aí, bom, foi uma festa na cidade comemorando tanto o bicentenário quanto o tombamento.

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma matéria da época, citada na dissertação da Dilma, que diz que o povo acabou com o estoque de fogos de artifício em São João Marcos. As lojas fecharam mais cedo naquele dia, e teve cinco bailes, que vararam a noite e só foram parar às 4 da manhã.

Corta pros anos 90. A Daniella tava pesquisando a história de São João Marcos fazia um tempo, mas ela ainda não tinha conseguido conhecer o lugar.

Daniella Soares: Meu pai estava muito doente e ele estava em casa e tal. Tinha sido operado de câncer... e eu aflita porque eu precisava fazer um campo e tal, com dificuldades e tudo. E ele falou: "Vamos hoje!"

Flora Thomson-DeVeaux: Só que no começo dos anos 90, São João Marcos já não tava mais nos mapas...

Daniella Soares: A gente foi descobrindo o caminho no meio do caminho. A gente sabia que ficava em Rio Claro, e a gente chegou até Rio Claro e foi isso. A gente começou a perguntar em Rio Claro onde é que ficavam as ruínas da cidade de São João Marcos, e aí as pessoas é que vinham falando: "Ah, a cidade do lago, a cidade do lago".

Flora Thomson-DeVeaux: De indicação em indicação, eles foram chegando numas ruínas.

Daniella Soares: E aí eles foram indicando para a gente onde que era. E, assim, mato para tudo quanto era impossível você encontrar. A gente viu, assim, um pedaço das ruínas da igreja. Meu pai encontrou uma ferradura que ele guardou, assim, como amuleto.

Flora Thomson-DeVeaux: Talvez você esteja estranhando uma coisa. São João Marcos virou a cidade do lago. Mas ela não tava debaixo das águas... eu já vou te explicar por quê.

Dilma Andrade de Paula: O que tinha lá? O que é que tinha na cidade? Nada. Não tinha mais nada, quase, né.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa, de novo, é a Dilma Andrade de Paula, que tava fazendo a pesquisa do mestrado dela mais ou menos na mesma época.

Dilma Andrade de Paula: Mas o que tinha mesmo de sinal de São João Marcos, além dos documentos, além das fotos, era a memória das pessoas.

Flora Thomson-DeVeaux: A Dilma entrevistou vários marcossenses – esse é o nome pra quem nasce em São João Marcos. Através da memória deles, ela ia reconstruindo uma imagem do lugar.

Dilma Andrade de Paula: Eles tinham um verdadeiro mapa mental da cidade.

Flora Thomson-DeVeaux: E entre eles, tava a mãe da Jane – que você ouviu no comecinho da história.

Jane Pena da Rocha: Eu sou Jane Pena da Rocha, sou filha da Cidinha Pena.

Flora Thomson-DeVeaux: A dona Cidinha, a mãe da Jane, era quem levava a família pra fazer piquenique nas ruínas da casa da vó.

Jane Pena da Rocha: É impressionante. Eu chego lá, parece que eu vivi ali. Eu fico com saudade de São João Marcos, de andar na praça. Eu amo aquela praça. Vou pra lá, pra cá e vou imaginando realmente como era. Eu consigo assim visualizar bem. Não tanto quanto ela. Eu lembro que uma vez nós chegamos lá, um mato danado, ela amassou, e falou assim: "Aqui tinha uma escadinha que descia aqui" – quando ela olhou no pé dela, a escadinha estava lá. E toda vez que eu passo lá, agora, que eu vejo a escadinha, eu lembro dessa história, conto pra todo mundo.

Flora Thomson-DeVeaux: Pra Cidinha, São João Marcos era uma lembrança bonita. Mas não sem dor.

Jane Pena da Rocha: Acho que todos eles tinham, no fundo, no coração, uma mágoa. Aquela saudade, e eu uma certa e uma certa mágoa também. Até principalmente pelo Getúlio.

Flora Thomson-DeVeaux: Uma mágoa pelo Getúlio Vargas. Porque, em maio de 1939, o SPHAN tombou a cidade de São João Marcos. Mas, em junho de 1940, o Getúlio mandou destombar.

Jane Pena da Rocha: Eles contavam, os moradores de São João Marcos, que o que aconteceu foi o seguinte:

Flora Thomson-DeVeaux: Tem uma história sobre esse tombamento e destombamento que eu ouvi de mais de uma pessoa. Ela é assim: em 1939, a filha do Getúlio, a Alzirinha, se casou. E, em agosto, ela tava com o marido, de lua de mel, no Canadá... quando eles tiveram um acidente de carro. Segundo essa versão da história, eles teriam atropelado um canadense. E, pra abafar o escândalo, o Getúlio teria pagado um preço. Ele trocou a liberdade da filha pela vida de São João Marcos. Porque, lembra, a Light era uma empresa canadense.

Jane Pena da Rocha: Isso você procura ver primeiro, mas que todos os moradores contavam essa história... é verdade. Agora, se foi verídica, eu não sei.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu consegui confirmar algumas coisas. Por exemplo: é verdade que a Alzirinha teve um acidente de carro no Canadá no segundo semestre de 1939, e que o Getúlio ficou preocupado com ela. Mas eu não consegui achar nenhuma pista de que o governo canadense teria feito uma chantagem pro Getúlio ceder pra Light. E, lendo a tese da Dilma – que é sobre a derrocada política de São João Marcos... vai ficando claro que a gente não precisa dessa história da Alzirinha pra entender por que Getúlio reverteu a decisão do SPHAN. Era aquilo. Uns tantos versus a maioria. O que aconteceu na sequência, a mãe da Jane testemunhou.

Dilma Andrade de Paula: Ela era criança na época. Ela fala que foi muito difícil ver como a cidade ia sendo destruída aos poucos. À medida que as pessoas saíam das casas, ela ia sendo derrubada pelos funcionários da Light.

Flora Thomson-DeVeaux: As casas eram destruídas a marretadas. A Light dava um caminhão de mudança pras famílias. Depois que a casa tava no chão, os operários botavam fogo em tudo. E o que sobrava era jogado na represa.

Jane Pena da Rocha: Ela fala que muita gente falou que não ia sobreviver, e ela falou: "Não sobrevivia mesmo. Morria de tristeza".

Dilma Andrade de Paula: Aos poucos as pessoas foram sendo expulsas da região.

Daniella Soares: De repente, você fica sozinho no seu entorno, não tem mais ninguém, seus vizinhos já foram.

Jane Pena da Rocha: As pessoas ficava tão desesperada que eles queriam carregar alguma coisa de São João Marcos. Um queria carregar o portão da casa, outro queria carregar não sei o quê...

Dilma Andrade de Paula: Iam ficando aqueles buracos, né. Você imagina os últimos que ficaram lá, que era ver aquela paisagem de destruição. O tempo inteiro.

Flora Thomson-DeVeaux: A grande onda das demolições começou na Quinta-Feira Santa de 1941. Teve uma passeata de protesto. Num dos cartazes, tava escrito: "somos quatro mil e seiscentos brasileiros e não queremos desaparecer."

Jane Pena da Rocha: Uma das coisas que ela me contava que eu achei bem triste, que quando a cidade ia acabar mesmo, não tinha mais jeito, eles fizeram uma peça teatral sobre a despedida de São João Marcos, né? Ela falou que foi muito triste, que eles cantaram aquela música "Cidade Maravilhosa", só que falando de São João Marcos, né. "Cidade Maravilhosa..." "São João Marcos, querido, berço das tradições/ Que que carrego sempre comigo... Que carrego sempre em nossos corações/ Sua beleza encanta/ És bela, és varonil pedaço de terra santa, coração do meu Brasil."

Flora Thomson-DeVeaux: Nossa, mas que coisa forte! Enfim, a ideia era que São João Marcos morresse pra que o Rio pudesse viver. Você pega justamente a música do Rio...

Jane Pena da Rocha: Isso. Pois é, eu nunca tinha pensado nisso, mas foi justamente isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Primeiro falaram em refazer a cidade em outro lugar. Depois falaram que pelo menos iam reconstruir a igreja matriz. No final, a Light só pagou indenizações, e era cada um por si.

Dilma Andrade de Paula: Só que aquela indenização não dava para comprar nada em outro local que estava sendo inflacionado também com a chegada dessas pessoas.

Flora Thomson-DeVeaux: Os depoimentos que a Dilma colheu eram cheios de indignação, mesmo tantos anos depois.

Dilma Andrade de Paula: Na época, minha orientadora, ela vivia tentando me frear porque eu carregava bandeira o tempo inteiro.

Flora Thomson-DeVeaux: Você virou uma indignada também?

Dilma Andrade de Paula: Virei uma indignada total, carregando a bandeira de São João Marcos. As pessoas ficavam perguntando – “Mas você tem parente aqui?” Não, foi pela história mesmo.

Flora Thomson-DeVeaux: Foi pela história. E tem uma parte dessa história que eu tava segurando aqui. Eu falei que São João Marcos era uma cidade cafeeira, com fazendas muito ricas. Mas eu não falei quão ricas. São João Marcos foi o berço de uma dinastia específica. A família Breves. Se você não ouviu o podcast do projeto Querino, que a gente produziu com o Tiago Rogero, por favor, ouça. No segundo episódio, o Tiago fala muito sobre essa família. Mas vou dar uma resumida aqui. Os irmãos Breves eram dos maiores escravocratas que o Brasil já viu. Num dos livros sobre São João Marcos que eu tenho aqui, tem uma lista das fazendas dos Breves que, juro por Deus, ocupa boa parte da página. E essa fortuna não veio porque eles tinham a mão particularmente boa pra plantar café. Foi porque eles viraram

traficantes de pessoas escravizadas. Antes e depois da proibição do tráfico – porque depois da proibição esse tráfico ficou mais arriscado, mas ainda mais lucrativo. Daí, nesse mesmo livro sobre São João Marcos, eu li uma história. É um diálogo recontado por um dos descendentes deles. É uma conversa que ele teria ouvido lá na época da destruição da cidade:

“Pois é, dona Emiliana. A represa subiu ontem três centímetros. São mais de mil por ano. A água não demora a entrar na cidade. A chuva está ajudando. A senhora sabe de quem é a culpa?”

– *Da Light.*

– *Não: é do cativoiro.*

– *Do cativoiro?*

– *Sim, senhora. Os donos das senzalas eram maus. Os pretos rogaram uma praga: as fazendas iam desabar, os cafezais criar mato, os rios parar.*

– *Até os rios, Seu Anísio?*

– *Sim senhora. Eles corriam dia e noite para bater os monjolos, tocar as rodas dos engenhos. Não deixavam os negros descansar. Agora estão virando lagoa.”*

Dilma Andrade de Paula: Realmente na época eu ficava assim: "Poxa, estou defendendo aqui um patrimônio que é oriundo do baronato do café". Mas olha que cômodo pra Light, você desloca a responsabilidade da Light pra escravidão. Porque se tira a responsabilidade dos agentes, que não era só a Light, né, aí dos agentes estaduais, os meios técnicos decisórios do Estado e do governo federal. Tanta gente envolvida nisso. Então... "Não, foi uma maldição e tal."

Flora Thomson-DeVeaux: Tá, São João Marcos foi a terra dos Breves. Mas, se começassem a rolar represálias sobrenaturais pela escravidão, a gente não taria falando de uma cidade afogada. Convenhamos que mal ia sobrar terra firme no Brasil.

Heidi Ferreira da Costa: Eeu cheguei no parque com uma certa implicância com o personagem principal lá de São João Marcos, que é o tal do Capitão Breves que ficavam: "Rei do Café" pra cá, "Rei do Café" pra lá, eu ficava: "Eu não vou chamar esse cara de rei nem fudendo". Desculpa. Então se eu for citar ele, vai ser "o escravagista da região".

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Heidi.

Heidi Ferreira da Costa: Meu nome é Heidi, Heidi Ferreira da Costa e sou doutoranda lá no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UniRio.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu queria falar com a Heidi porque ela passou um bom tempo pensando sobre a memória de São João Marcos.

Heidi Ferreira da Costa: Ultimamente a gente tem visitado muito no parque também. A questão anterior ainda aos escravos, que é a questão dos povos, né, do povo Puri, que foi dizimado. Então, quando a gente fala que é uma região com uma história muito pesada, ela vem lá realmente do início da fundação da região. A forma como foi, né. Que a história da cidade, "Ah, capelinha", "São João Marcos, é uma história bonitinha..." ah, fundaram. Os bandeirantes chegaram, fundaram a capelinha, mas porra, fundaram como?

Flora Thomson-DeVeaux: A Heidi, como eu, e provavelmente como você, também não cresceu ouvindo a história de São João Marcos.

Heidi Ferreira da Costa: Eu tive um professor que é o Zeca Barros, e ele era o gestor do parque. Então, antes mesmo de eu me formar, ele já me chamou para trabalhar com ele lá no parque.

Zeca Barros: Zeca Barros. Eu sou um empreendedor cultural, um produtor cultural. E estou, desde a inauguração, gestor executivo do Parque Arqueológico Ambiental de São João Marcos, em Rio Claro.

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é. São João Marcos não existe mais. O que existe é o Parque Arqueológico Ambiental, que a Light fundou em 2008.

Zeca Barros: Os arqueólogos não acharam muitas coisas, porque foi uma cidade que foi sendo esvaziada gradativamente. As pessoas levavam seus pertences, né? Mas alguma coisa ainda se encontrou.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa "alguma coisa" que se encontrou ainda é bastante. Eu fui pra São João Marcos em 2023. Tem um pequeno museu que conta a história da cidade, com vários artefatos doados por ex-moradores. Mas o que mais me impactou foram duas ruínas. Duas ruínas reconstruídas.

Heidi Ferreira da Costa: Ela não é exatamente uma reconstrução, é utilizada até lá na Grécia, sabe?

Flora Thomson-DeVeaux: Ok, não é uma reconstrução. A Heidi me disse que o termo técnico é anastilose. E ela escreveu a dissertação de mestrado dela sobre o trabalho de anastilose que foi feito em São João Marcos.

Heidi Ferreira da Costa: Mas o que ela faz? Ela pega peças da própria ruína, peças de cantaria que já estão por ali, e remonta de novo. Levanta com o que tem disponível. É como se fosse um legozinho, entendeu? Você vai pegando as peças – "Ah, isso aqui é daqui, isso aqui é daqui e daqui". E aí remonta primeiro no chão, depois sobe, né. Com o que tiver disponível, tanto que se você for ver lá a casa do Capitão-Mor, tem várias partes que o arco não está inteiro, das janelas de uma das entradas, porque a peça já não estava mais lá, não foi encontrado.

Zeca Barros: O arquiteto faz um desenho de como teria sido o projeto para aquela casa específica. Aí começa a reconstituição e se vai até onde tem pedra. E aí para. A gente fez isso na casa do Capitão-Mor. E fizemos isso na Igreja Matriz.

Flora Thomson-DeVeaux: O que tem hoje, em São João Marcos, além do traçado das ruas, dos alicerces das casas... são essas duas ruínas de pé. Uma casa grande de pedra, sem telhado, sem parte das paredes, mas que dá pra entrar e andar pelas sombras dos cômodos... Já a igreja quase não existe mais. Mas tem o grande arco onde ficava a porta, e um pedaço do chão, em pedras pretas e brancas. E aquilo que ficou, aquilo que foi reerguido, já dá a sensação de você estar entrando num mundo morto.

Heidi Ferreira da Costa: Agora, a ruína, ela está tendo a oportunidade mesmo de contar mais sobre a história dela.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando eu era criança, eu fiquei traumatizada por um livro que eu li sobre Pompeia. A cidade italiana destruída por um vulcão que ficou preservada no momento de sua morte. Eu nunca fui pra Pompeia. Mas eu lembrei daquele livro quando eu pisei na casa do Capitão-Mor.

Heidi Ferreira da Costa: Ela tem essa aura mesmo. Se você passear ali no meio das ruínas, você está vendo o testemunho da destruição de uma cidade. Uma das coisas que me impactou, mais do que os arcos e tal, quando eu entrei ali a primeira vez, eu vi um restinho da porcelana do vaso sanitário. Isso é meio creepy, se for parar pra pensar. Sim, são fragmentos de um cotidiano que ficaram ali. Tem essa vibe meio Pompeia mesmo.

Flora Thomson-DeVeaux: A Heidi me contou que esse trabalho de reerguer as ruínas também tem muito a ver com preservação.

Heidi Ferreira da Costa: E as pedras da casa do Capitão-Mor, elas ficavam muito tempo debaixo d'água porque a água da represa sobe até ali por boa parte do ano. Então levantar é uma forma de preservar.

Flora Thomson-DeVeaux: Então. Essa é outra parte da história de São João Marcos que é bem complicada. Vamos voltar lá pros anos 40. O primeiro relato que eu li sobre a destruição da cidade dizia assim: que no dia em que a Light ia fechar as comportas e deixar a represa encher até o máximo, as águas foram vindo... foram vindo... e pararam no pé do centrinho de São João Marcos. A cidade ficou seca. Seca e destruída.

Zeca Barros: Na verdade, isso é alvo de muita controvérsia. A cidade não foi inundada. Ela não foi inundada totalmente. Então ela foi inundada parcialmente.

Flora Thomson-DeVeaux: Só uma pequena parte do centro de São João Marcos fica debaixo d'água o ano todo. E isso deu margem pra ideia de que a cidade foi destruída completamente à toa.

Heidi Ferreira da Costa: É uma narrativa comum na região. Eu, sinceramente, como eu pesquisei e trabalhei lá muito tempo, eu entendo por que a cidade foi demolida. Gostaria que tivesse sido encontrada outra solução para isso não acontecer. Mas ela não foi demolida por um erro. Primeiro porque entra água na cidade metade do ano, o parque passa metade do ano com boa parte do circuito das ruínas debaixo d'água.

Zeca Barros: A gente até brinca que são as águas – não de março, são as águas de Marcos...

Flora Thomson-DeVeaux: A outra parte é que – lembra, a represa não é só pra alimentar a hidrelétrica. Ela também abastece a cidade do Rio, até hoje, com água potável. Então manter o centrinho ali, com uma rede de esgoto, com tudo que uma cidade implica, também não ia ser viável.

Heidi Ferreira da Costa: Então mesmo se não chegasse uma gota de água dentro da cidade em si, não podia ter a cidade ali do lado de uma represa de água potável.

Flora Thomson-DeVeaux: Teve a lenda do pai que trocou uma cidade pela filha. A história da cidade castigada pelo crime da escravidão. E agora, o mito da cidade destruída por engano. Mas será que a verdade, pura e simples, não é tão poderosa quanto?

Heidi Ferreira da Costa: Você não precisa fazer um drama, dizer que errou para problematizar por que se precisa destruir cidades para aumentar barragens...

Zeca Barros: Não há como virar as costas e minimizar isso. Eu, sem ser marcossense, eu já sinto a dor, né? Todo lugar, submerso ou não, ele tem uma história para contar. E a história de qualquer pessoa, de qualquer lugar, é uma história importante, assim como é a história dos nossos lares. Você foi criado numa casa com a sua família. Isso pode não significar nada para a pessoa da casa ao lado, mas significa tudo para você. Então acho que todo lugar merece ter a sua história contada.

Flora Thomson-DeVeaux: São João Marcos ocupa esse lugar estranho: ela foi a primeira cidade no Brasil destruída por causa de uma represa, e é das poucas que dá pra visitar sem molhar os pés. Enquanto eu pesquisava essa história, eu fiquei pensando muito nessa linhagem de cidades afogadas no Brasil. Guapé, Guadalupe, Igaratá, Canudos, Pilão Arcado, Sento Sé, Casa Nova, Remanso, São Rafael, Nova Ponte, Itacuruba, Petrolândia, Jaguaribara, Itá, Aratiba, Itueta... Cada história é

diferente. Mas tem uma semente de história, plantada ali em São João Marcos, que se repete.

Heidi Ferreira da Costa: Tem duas formas de se olhar para São João Marcos: primeiro, por que ela foi destruída, que é realmente a pauta, que é a mais comum e realmente está sempre sendo renovada. Mas também o que se faz hoje em dia, né? Eu acho que precisavam ter mais parques arqueológicos de São João Marcos porque, como você falou, tem outras cidades sendo destruídas e essas histórias morrem.

Flora Thomson-DeVeaux: A Dilma, que fez a dissertação dela sobre São João Marcos, acha que as pessoas entendem mal essa história.

Dilma Andrade de Paula: Isso vira, assim, como uma coisa muito do passado, perdida no passado, e curiosa.

Flora Thomson-DeVeaux: Mas ela não poderia ser mais atual.

Dilma Andrade de Paula: Aqueles argumentos eram tão fortes, que era o Rio de Janeiro versus São João Marcos, que os próprios moradores, tempos depois, acabavam justificando. "Olha, foi terrível, foi ruim. Mas o que era São João Marcos diante do Rio de Janeiro?" E de resto, né, Flora, é o argumento que está aí até hoje. No final das contas, não interessa a vida das comunidades afetadas de mineração, mais recentemente. Não interessa. Você lida depois com os efeitos colaterais. Porque o que está em jogo é um grande projeto econômico. São os empregos que supostamente serão gerados, e o desenvolvimento do país, e o crescimento da região.

Flora Thomson-DeVeaux: Ela lembrou daquele parecer do engenheiro, que punha na balança: a capital do país, dois milhões de habitantes de um lado... e, do outro, duzentos coitados. Quem merece ficar onde tá?

Dilma Andrade de Paula: Isso até hoje. Aqueles argumentos do Veloso estão tão aí. A gente não aprende com a história. Porque são tantas tragédias na história do Brasil até hoje, porque tem sempre interesses muito poderosos por trás desses grandes projetos. O que é que mudou? Algumas coisas, algumas conquistas sociais, mas aquela lógica daquele parecer, ela permanece. Sempre projetos econômicos falando mais alto do que interesse social ou ambiental, ou cultural, ou memória no meio de tudo isso, né?

Flora Thomson-DeVeaux: Quando o Zeca Barros entrou como gestor do parque de São João Marcos, ele queria saber uma coisa.

Zeca Barros: Eu fiz uma pergunta: quantos marcossenses vivos nós temos listados?

Flora Thomson-DeVeaux: Naquela época, eles conseguiram localizar pouco mais de uma dezena de ex-moradores da cidade. E o time do parque colheu depoimentos de todo mundo que eles conseguiram. Aqui de novo a Jane Pena da Rocha.

Jane Pena da Rocha: Cada um foi para um lado. Uma parte foi para Piraí, foi gente para Mangaratiba, gente que ficou por ali mesmo. E toda vez que eles se encontravam era uma festa. Parecia que Deus estava chegando quando chegava alguém.

Flora Thomson-DeVeaux: A Jane lembra bem da empolgação da mãe dela quando encontrava algum outro marcosense.

Jane Pena da Rocha: Até ela idosa, bem, idosinha mesmo, quando chegava alguém que queria que ela falasse de São João Marcos, ela não estava nem aguentando às vezes de levantar, tinha muita falta de ar. – "Mãe, tem alguém de São João Marcos aí querendo falar com a senhora". Na mesma hora ela se arrumava, ela levantava e ela ia. Ela não queria nem saber, era outra pessoa. Parecia que baixava outra pessoa nela.

Flora Thomson-DeVeaux: Agora, em abril de 2024, no momento em que eu tô fechando essa história, eu soube de um ex-morador de São João Marcos vivo, que saiu de lá bem criança. Eu queria muito falar com ele, mas ele não tava bem de saúde. A mãe da Jane, a dona Cidinha, faleceu em 2008.

Jane Pena da Rocha: E acho que ela tinha tanto amor que ela passou, ela passava isso pra gente.

Flora Thomson-DeVeaux: A memória de São João Marcos tá viva de muitas maneiras na família da Jane.

Jane Pena da Rocha: Tanto que o meu tio chamava João Marcos, o filho dele chamou João Marcos. Eu tenho uma prima que foi até uma tatuagem do parque e que tem a tatuagem ali da casa do Capitão-Mor no braço. Então é uma ligação muito forte.

Flora Thomson-DeVeaux: A Jane chegou a repetir aquele passeio, de fazer um piquenique nas ruínas de São João Marcos, com o próprio filho.

Jane Pena da Rocha: Acho que, se você perguntar para o meu filho também, quando ele ouviu falar de São João Marcos, ele não vai— ele não vai saber te falar. Porque cresceu ouvindo a avó contar a história, e depois a gente também. A gente fala: São João Marcos era tão forte, tão forte, que acho que o amor dos moradores era tão grande pela cidade que São João Marcos não acaba. Depois de tudo, ela conseguiu emergir da lama, de tudo e ainda ser referência no município. Eu tô falando com você, não tô falando

sobre Rio Claro ou sobre Passa Três, nós estamos falando sobre São João Marcos, né? Uma cidade que foi totalmente destruída.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Novelo.

No segundo ato do episódio de hoje, a Carol Pires conversa com uma mulher que tá sendo obrigada a contar e recontar a mesma história há seis anos. E essa é uma história que acabou de ser transformada.

Só um aviso antes de começar, que esse ato contém descrições de violência.

ATO 2 - FERNANDA E MARIELLE

Carol Pires: Sabe quando você não vê a hora de chegar em casa depois do trabalho? Era um dia desses. 2018, finalzinho de verão. A Fernanda tinha emendado expediente normal com um evento, também de trabalho, até 9 da noite. Uma amiga ofereceu carona, e ela aceitou.

Isso já faz 6 anos, mas ela lembra que entrou no carro, pegou o celular pra ver as mensagens... lembra que tinha uma mensagem do marido dela, avisando que a filhinha deles tava em casa com um pouco de febre. Ela lembra de ter comentado isso com a amiga, e que a amiga falou que, por coincidência, a filha dela também tava doente.

Ela lembra que tinha jogo do Flamengo, que o jogo já tinha começado, e que elas ligaram o rádio baixinho pra irem ouvindo, enquanto falavam de uma reunião que elas iam ter no dia seguinte. A Fernanda lembra de cada detalhe daquele curto percurso seis anos depois — e, não, não é porque ela tem uma memória sobrenatural, nem nada disso. É porque esse percurso foi interrompido. Porque essa conversa à toa ali no carro foi atravessada por uma rajada de fuzil que mudou pra sempre os rumos da vida da Fernanda. E do país.

Mensagem da Fernanda Chaves no WhatsApp: Olha só, o carro que eu tava com a Marielle levou uma porção de tiro. A Marielle foi atingida. A gente já chamou a polícia e a ambulância. Eu tô bem, mas a Marielle tá desmaiada, o Anderson também. Reza por mim, amor, reza pela Marielle, reza pelo Anderson.

Carol Pires: Você sabe: a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram mortos numa emboscada naquela noite. A Fernanda foi a única sobrevivente.

Fernanda Chaves: O que que explica isso? Como é que eu saio completamente inteira e tem duas pessoas mortas. Uma estava do meu lado e uma que estava na minha frente, num cubículo fechado.

Carol Pires: Com ou sem explicação, a Fernanda precisou repetir incontáveis vezes o que aconteceu naquela noite.

Fernanda Chaves: Na hora em que tudo aconteceu. Isso é uma coisa que eu falo muito pouco, inclusive, eu tive uma sensação naquele momento em que eu falava "que isso, que isso", um carro metralhado e a Marielle inerte, eu enrolada no carro abaixadinho, percebendo que o Anderson deixava as mãos caírem, o carro sem controle andando... Eu tive uma sensação muito nítida assim, de te ver na minha frente uma projeção de cinema. Eu via na minha frente a cara da minha filha. Isso é muito louco. Eu não sei se isso foi o mecanismo do meu organismo, sabe? Uma coisa assim: "Fica, se mantém, mantém a tua lucidez nessa hora, tá? Fica aí, sabe? Não surta agora". Eu tinha uma preocupação muito grande desde o primeiro segundo, desde o primeiro barulho de bala em não panicar.

Carol Pires: A Fernanda não tava entendendo nada do que tava acontecendo e nem passava pela cabeça dela a hipótese de crime político. Mas em algum lugar ela entendeu que precisava manter a lucidez pra contar essa história. Ela só não tinha ideia de quantas vezes ela ia ter que contar.

Fernanda Chaves: E se for preciso eu contar essa história trocentas mil vezes e passar o resto da minha vida contando, eu vou contar.

Carol Pires: Eu nunca tinha pensado nisso. Você era a única narradora de uma história que tomou uma proporção mundial.

Fernanda Chaves: Sim, isso em algum lugar... Só eu conto essa história? Só eu conto tudo o que aconteceu. Não tem outra pessoa para contar? Você tem que confiar muito ali. Você tem que está muito segura de ser só a única narradora daquilo.

Carol Pires: Durante mais de cinco anos, a Fernanda foi a única parte implicada naquele crime contando o que aconteceu naquela noite. Até que em julho do ano passado, julho de 2023, o ex-policial militar Élcio de Queiroz admitiu pela primeira vez o que a investigação já tinha apontado: era ele quem tava dirigindo o carro de onde foram feitos os disparos.

Fernanda Chaves: Então, foi a primeira vez que eu me deparei com aquela história sendo contada por uma outra pessoa. Então foi isso mesmo? Foi como assistir o filme, sabe? As minhas percepções se somaram àquele fato ali narrado por ele de fora e as minhas percepções de dentro do carro. Então, naquele momento, essas coisas se juntam e formam uma cena completa na

minha cabeça. E aquilo para mim foi muito impactante. Pegou muito assim para mim e eu fiquei muito tempo lendo e relendo aquilo. Na verdade, confirmando até onde as minhas percepções de sensibilidade tavam certas o tempo inteiro. Como eu não surtei, sabe? Eu não estava ali. E o que eu percebo é o que eu senti é de fato real.

Carol Pires: Tem uma coisa terapêutica em contar e recontar uma história que aconteceu com a gente. A proposta da psicanálise é justamente essa, né? A gente conta, reconta, põe em xeque a "narrativa" dos acontecimentos... e, com sorte, eles passam a fazer mais sentido. Eles encaixam. Com mais sorte ainda, as dores passam a doer menos. Mas contar e recontar, esmiuçar cada detalhe de tudo o que veio antes daquela rajada de fuzil, não era exatamente um exercício terapêutico pra Fernanda. O que ela queria era que a polícia e a política fizessem a parte delas pra encontrar as peças faltando nesse quebra-cabeças.

Fernanda Chaves: Então, quando ele detalha os momentos daquela abordagem ali, foi esquisitíssimo lidar com aquilo e perceber o quanto aterrorizante é toda essa cena.

Carol Pires: Na memória da Fernanda, a cena aterrorizante começa quando ela e a Marielle saem de um debate com mulheres na Casa das Pretas, no bairro da Lapa. A Fernanda não lembra de ter sentido que tinha alguma coisa errada, de ter tido nenhum pressentimento. Ela lembra que, no meio do caminho, sentindo que eles já tavam perto da Tijuca, o bairro onde elas moravam, ela olhou pra fora, pra se localizar, e bateu o olho no Largo do Estácio, logo depois da entrada do Morro de São Carlos. E ela lembra de, nessa hora, ter lembrado de um vídeo que ela viu dias antes de um confronto entre polícia e traficantes bem ali na entrada do morro.

Foi só uma lembrança que emergiu e submergiu numa fração de segundo – como tantas que a gente tem o tempo todo. Essa lembrança só ficou guardada com ela porque três minutos mais adiante, o carro delas foi alvejado. E porque, no meio daquele terror, aquele fragmento de memória voltou como uma possível explicação pro que tava acontecendo.

Fernanda Chaves: A primeira coisa que eu pensei foi: "Eu estou passando no meio de um tiroteio na rua, que é a coisa mais comum do Rio". Eu me abaixei imediatamente e só consegui fazer esse tipo de raciocínio, porque não tinha uma perseguição, não tinha uma ameaça, não tinha nada incomum. A gente saiu de um dia como um outro dia qualquer do trabalho, indo para casa. Então, a primeira coisa que você vem à cabeça é o confronto entre polícia e bandido no meio da rua. Foi o que me ocorreu de primeira hora. Até eu sair do carro e perceber que não tinha nada na rua. Absolutamente nada.

Carol Pires: Se eles tivessem tido o azar de entrar no meio de uma troca de tiros, aquela calma na rua não fazia o menor sentido. Um silêncio absoluto depois do barulho ensurdecido da rajada atravessando a lataria e os vidros do carro. Essa confusão inicial é parte da história que a Fernanda conta e reconta. Ela já tinha

contado pra mim antes. E algumas coisas que ela falou ficaram ecoando na minha cabeça.

Carol Pires: Eu lembro da expressão que você usou para mim. Era a de que você estava fazendo uma força descomunal para se manter acordada.

Fernanda Chaves: Sim.

Carol Pires: Eu acho que você usou a expressão como se você estivesse tentando tirar um dragão de dentro de você.

Fernanda: Exatamente. É como se eu tivesse tido de fato uma oportunidade de escolher entre surtar e não surtar. Isso é muito louco. Eu decidi não surtar e foi preciso ter força, força física para isso. Sou amiga pessoal da Marielle de muitos anos. Ela era madrinha da minha filha, minha madrinha de casamento e vice versa. E eu estava com uma assessora dela de imprensa. Essa coisa de cuidar da imagem que eu sabia que era muito importante para ela também.

Carol Pires: A Fernanda tinha vários papéis ali. Ela era a sobrevivente de um atentado. Ela tinha acabado de perder uma das melhores amigas dela, companheira de trabalho e de bandeira política. E ela era assessora de imprensa. No meio daquele turbilhão, ela ainda sentia que precisava cuidar da imagem da Marielle.

Fernanda Chaves: Então, eu tinha isso muito dentro de garantir o controle daquilo ali. Quando eu comecei a perceber, por exemplo, que as pessoas estavam tirando foto e por mais difícil que fosse tentar administrar o meu choque, eu estava em choque. Era difícil para falar, porque nada fazia sentido. Não teve perseguição, não teve nada que eu pudesse ter percebido. Vinha um sentimento meio de culpa também, porque como é que eu não percebi um negócio desse tamanho? Como é que eu não vi nada, sabe? Como é que eu me senti? E eu me culpei muito por isso.

Carol Pires: Os jornalistas todos tinham o telefone da Fernanda. E é claro que todo mundo mandou mensagem. Os dias seguintes foram todos assim, com muita demanda de todos os lados, e a Fernanda sem o menor controle – que ela tanto gostava de ter.

Depois de passar a noite na delegacia, a Fernanda lembra de chegar em casa e encontrar um monte de gente - amigos, representantes de organizações de direitos humanos... e que o primeiro café da manhã que ela tomou foi com a ex-presidente Dilma Rousseff, que ela nunca tinha conhecido antes.

Fernanda Chaves: Ela chegou. Expressou as condolências, os sentimentos de solidariedade. Estava, abraçou, chorou com a gente ali, naquele momento. E ela foi muito direta: “Olha, gente, isso é um atentado político enorme. Enorme no grau de envolvimento de pessoas com o poder, que aí

vai ter gente de uma esfera a outra do que a gente puder imaginar". E eu repito muito essa frase dela quando eu estou falando por aí. Esse é o atentado político mais importante da história do Brasil desde a redemocratização. O mundo vai se perguntar, o mundo vai cobrar, o mundo vai querer saber: quem mandou matar Marielle?

Carol Pires: A Fernanda lembra de pôr na conta da experiência de ex-presidente da Dilma essa análise política. Mas teve outra análise da Dilma que acabou marcando mais a Fernanda. E essa, ela pôs na conta de outro marco do currículo da Dilma: o de ex-guerrilheira torturada na ditadura.

Fernanda Chaves: Foi quando ela começou, do nada, a olhar pra mim, a me olhar e ela falou: "Você está com tremedeira, né?" Aí eu fiquei meio sem graça porque eu estava desde o episódio com muita tremedeira. Eu tive um lance esquisito de tremor que ele vinha em ondas e eu tremia, treme, treme, treme, treme a cabeça. Era um negócio esquisito e eu tentava me controlar, porque eu ficava com vergonha. Eu tentava me controlar, o que era bem pior, porque parecia que eu estava até um espasmo porque eu fazia força pra controlar aquilo, e naquele momento estava vindo. E ela percebeu. Ela parou muito calma, com aquela cara que é peculiar, né, aquela cara séria e falou: "Você está tendo tremedeira, né minha filha?" Eu falei: "Tô!" Ela falou: "Deixa, não segura, não. Eu sei como é que é. É muito ruim, e vem de dentro do couro cabeludo". Aí eu falei: "Vem", porque eu também não tinha conseguido nem formular isso. Eu não conseguia saber onde ele nascia. Era uma coisa que vinha dentro, mas havia sobretudo do meu couro.

Carol Pires: Receber a visita da Dilma numa sexta-feira de manhã foi só um dos eventos meio surrealistas naqueles dias. Da noite pro dia, a Fernanda virou exilada política: foi mandada pra Europa com o marido e a filha sem poder contar o paradeiro nem pros amigos mais próximos. Ninguém sabia por que tinham matado a Marielle, e se os assassinos iam tentar matar a Fernanda como queima de arquivo. Na época, esse movimento parecia fazer sentido. Hoje, a gente sabe que não faz. E não só porque não veio ninguém atrás da Fernanda.

Fernanda Chaves: As pessoas não sabiam para onde eu ia, pra onde eu vinha. Poucas pessoas poderiam saber onde eu estava quando eu saí do país. Essas pessoas sabiam. Os algozes sabiam. Então, é um sentimento muito ruim, muito ruim.

Carol Pires: O algoz, no caso, era o chefe da Polícia Civil do Rio de Janeiro Rivaldo Barbosa — que foi preso em março deste ano junto com os políticos Domingos e Chiquinho Brazão, apontados como mandantes do assassinato da Marielle. Segundo o inquérito da Polícia Federal, o Rivaldo Barbosa prometeu pros irmãos Brazão que a polícia não ia investigar a morte de Marielle, mesmo antes do crime ser executado.

Fernanda Chaves: É maquiavélico. Eu fiquei muito revoltada, muito revoltada, porque à medida que a gente se deu conta de que era um crime político, um crime enorme, um crime caro e articulado demais, e que, por isso, obviamente, envolveria pessoas de poder da política, políticos, polícia. Não tem como o crime desse tamanho acontecer sem esses envolvimento. Então você escolhe quem você confia. E na polícia, quem era a pessoa tida como do campo da confiança? Rivaldo e quem ele dissesse. Então, assim, a gente confia no algoz, sabe? Porque Brazão, família Brazão, a gente sabe sobre o lugar deles. A família Brazão figura, sei lá, desde o relatório da CPI das Milícias, eles estão lá. Todo mundo no Rio de Janeiro sabe o que que é a família. Então, eles estão no lugar que você espera. Agora o Rivaldo... O Rivaldo foi um... não sei, um choque. Um choque.

Carol Pires: O Rivaldo Barbosa não era só a autoridade máxima na investigação do assassinato da Marielle. Ele abraçou a dona Marinete e o seu Antônio, os pais dela. E ele abraçou a Luyara, filha da Marielle... e ele prometeu, olhando nos olhos da família, que ele ia solucionar o caso. Então essas lembranças – da família, dos amigos e da Fernanda ficam voltando, hoje, como uma farsa.

Fernanda Chaves: Eu prestei depoimento pra ele na minha casa e aí você fala: "Meu pai!" Aí você vai reler a entrevista, vai reler aqueles momentos anteriores e pensar: "Meu Deus, ele sabia de tudo aqui, né?" Isso é que era um desvio, isso aqui era um factóide. Isso era um teatro...

Carol Pires: De um lado, a Fernanda perdeu o chão. O tempo todo, com os investigadores, ela tava pisando em falso. Por outro, quando ela leu a confissão dos assassinos, a memória dela daquele dia foi de certa forma confirmada. E ganhou novas camadas

Carol Pires: Na delação do Élcio, existe um diálogo que ele narra que ele teria tido com o Ronnie Lessa, que foi quem fez os disparos, em que ele fala que tem uma pessoa do lado dela. Não sabiam que era você, mas ele comenta e o Ronnie fala: "Fica despreocupado que não vai acontecer nada com essa pessoa". Ver, ouvir e ler os assassinos tendo esse diálogo sobre preservar a sua vida num atentado brutal pra assassinar a Marielle... isso te bateu em algum lugar?

Fernanda Chaves: Isso bateu muito forte. Bateu muito forte porque ele fala: "A senhora...", a senhora que ele estava se referindo a mim. E o Ronnie fala alguma coisa que é mais assim: "Não, está tudo bem, não passa nada, não dá nada, não vai dar nada". Isso foi muito ruim de digerir, assim, de me entender naquele lugar que você percebe que você é um nada nessa história. E é isso, você se sente muito mais vulnerável. Essa noção da vulnerabilidade é muito chocante, sabe? Da pessoa descartável, você não faz a diferença ali, se eu ia viver ou se eu ia morrer. E pega, pega no lugar de você pensar: "Eu não deveria estar aqui, eu muito provavelmente não estaria aqui. Que se eu

fosse fazer um cálculo matemático dessa cena, eu não estaria aqui hoje, eu não teria sobrevivido”. E isso é complexo. É uma das coisas mais, talvez mais desgastante de ser. E aí, entrando nesse campo da filosofia, você enquanto sobreviver, o que você tá fazendo aqui? Por que você sobreviveu? Como você explica? Você não explica.

Carol Pires: Apesar de ser impossível explicar, eu acho que parte da sociedade procura, sim, explicações – e para além de quem matou a Marielle, a mando de quem e por quê. As explicações factuais não dão consolo... e desse espaço, entre dúvida e dor, saem análises políticas bonitas como a de que a morte da Marielle revelou o verdadeiro tamanho dela. E espalhou a mensagem dela. E eu entendo que esse raciocínio é uma forma de elaborar o luto. Mas e pra vida da Fernanda?

Fernanda Chaves: A minha relação com esse episódio, ela muda um pouco. Mas eu tento levar muito uma filosofia Marielle de vida. Eu conhecia muito bem a Marielle. E eu conhecia muito bem o apreço da Marielle pela vida. Muito. A Marielle era uma pessoa de uma pulsão de vida muito forte. Ela queria muito viver. Ela gostava muito de viver. Ela tinha muita pressa de viver. Ela não queria problema.

Carol Pires: Não queria problema, assim... política é problema. No sentido de que você se engaja ali para resolver problemas coletivos através do debate de ideias, da proposição de leis, da mobilização social. Nesse sentido, dá pra dizer que a Marielle gostava de resolver problemas: ela queria aprovar leis que pudessem ajudar a corrigir a desigualdade de gênero, o racismo, a pobreza. Os projetos de lei dela eram pra combater o assédio em transporte público, criar creches noturnas pra mães que trabalham à noite... Mas ela sabia que ela não ia conseguir resolver sozinha temas que sequer tavam no alcance dela como vereadora, tipo segurança pública, que é um tema estadual e federal. A Fernanda lembra da consciência que a Marielle tinha de que ela não ia conseguir resolver sozinha a perversidade que são as milícias do Rio.

Fernanda Chaves: Ela não queria ser um alvo de violência. Ela não queria mexer nesse vespeiro, até porque ali ela tinha as limitações institucionais. Não dá pra você falar de segurança pública o tempo todo, tanto vereadora, porque como vereadora você pode incidir pouco na temática, pouco que eu digo em comparação com um deputado estadual, por exemplo, que a segurança da esfera estadual ou federal. Então, é claro que ela não se negava a fazer esse debate, pelo contrário, ela era uma especialista nisso, ela escreveu sobre isso na tese dela. Mas ela tinha mais tesão em outras pautas, sobretudo de gênero.

Carol Pires: No dia a dia no gabinete, nas conversas que muitas vezes extrapolavam o horário de trabalho, a memória da Fernanda, da atuação da Marielle, é essa. Só que quando o Ronnie Lessa – que é, né, o autor dos disparos, da rajada de fuzil – quando ele delatou os mandantes do crime, ele disse que os

irmãos Domingos e Chiquinho Brazão demonstravam "descontrolada reação" à atuação de Marielle na votação do projeto de lei 174/2016.

Esse projeto era do próprio Chiquinho Brazão, que queria regularizar terrenos e construções irregulares numa região dominada por um grupo miliciano — no caso, dele próprio, segundo a polícia federal. Os vereadores do PSOL todos votaram contra. E mesmo assim o projeto passou.

Fernanda Chaves: Não é uma reação a uma ação dela na Zona Oeste. Não dá para simplificar dessa forma. Ela incomodou a milícia da Zona Oeste, a Zona Oeste foi lá e matou ela. Não, não é isso somente. Ela incomodou, ela incomodou. Mas existem camadas. Eu acho que quando você elabora esse plano de assassinato, isso foi feito pra atingir um setor da política fluminense, da política. Não digo só da política institucional, mas de um campo ideológico que envolve a política, mas envolve militância, envolve população. Quem fez isso quis dar um recado, quis dar um sacode num campo oposto. E aí eles buscam nesse campo alguém para pagar esse pato. "Essa filha da puta abusada, negra, lésbica, favelada que inferniza a vida da gente atendendo a associação de moradores lá da Zona Oeste, inferniza a vida da gente, mandando a assessoria dar atenção, fazendo...". Ela fez o que ela tinha que fazer, que a Marielle trabalhava bem, direito.

Carol Pires: Essa missão que a Fernanda se impôs (e que foi imposta a ela, né?) de contar e recontar o que aconteceu no dia 14 de março de 2018 tinha um objetivo: o de não deixar essa história ser esquecida. De criar uma memória coletiva, pra forçar o poder político a querer desembolar esse novelo. Mas agora, que a investigação tá rumando pruma conclusão, a missão dela de assessora de imprensa da Marielle tá chegando ao fim também. Ela pode parar de lembrar só daquela cena aterrorizante da morte dela. E até dos meses antes como vereadora...ela pode voltar a lembrar dela como amiga.

Fernanda Chaves: Isso me deixa mais livre pra eu pensar a Marielle. Desamarrar um pouco essas coisas de sempre pensar Marielle atrelada ao assassinato. Ela era muito viva e isso era o que incomodava. Isso é que coloca ela nesse alvo, sabe? Isso também é muito louco, sabe? Que o tamanho da vida dela é o que leva ela para esse alvo.

Quando assassinaram ela, veio essa coisa "Marielle presente", "Marielle vive", "Não vão calar"... E eu me incomodava muito com isso, sabe? Porque Marielle não está presente. Marielle não vive. A minha amiga, a comadre, a madrinha da minha filha não está aqui. Eu não tô comendo com ela, rindo com ela, sentindo o cheiro dela. Não está aqui. Então eu tinha muito incômodo com esses momentos "Marielle presente", "Marielle vive". E até isso foi ressignificando agora, e tá mais ressignificado do que nunca. Porque quiseram calar a Marielle. Acabar com ela. Eles fizeram um cálculo muito errado de que esse seria mais um crime a se falar por uns dias. E um outro crime, sabe, acabaria abafando esse. Marielle era uma pessoa pequena. Na

leitura dele, nessa análise, muito errada. Sem projeção, acabou uma mulher da favela sair. Daqui a pouco está baixo. Esse cálculo foi muito errado e foi tão errado. E a Marielle é tão grandona, que esses caras, eles vão passar a vida ouvindo "Marielle", ouvindo falar de Marielle. A Marielle vai atazanar essas pessoas até o último dia dessas vidas infelizes. Até as próximas e próximas e próximas gerações. Os bisnetos dessas pessoas, os trinetos vão saber quem foi Marielle. Vão ouvir falar de Marielle. Eles tão meio que condenados a conviver. E aí, mais do que nunca, tudo que eu mais amo é falar: "Marielle presente" na cara dessa gente, sabe, porque não é só quem desejou, quem planejou ou quem organizou esse assassinato, mas tem umas figuras que se regozijam desse assassinato. Eles insistem em dizer que a Marielle acabou. Mas tá lá:

Carol Pires: Tá na boca deles, né?

Fernanda: Marielle tá na boca ali deles. Então, assim, eles tentaram calar uma coisa que eles vão ter que ouvir pro resto da vida, sabe? Eu acho esse revide muito Marielle. Eu acho isso muito Marielle. Não vão calar, não vão calar.

Branca Vianna: Essa foi a Carol Pires, produtora sênior da Rádio Novelo.

Obrigada por escutar mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

No post desse episódio no nosso site, tem fotos da Fernanda com a Marielle e imagens do parque de São João Marcos, além de mais material bibliográfico, pra quem quiser cair nessa toca do coelho junto com a Flora. Você pode aproveitar que você tá no site pra assinar nossa newsletter, e dar uma passadinha na página "Envie uma pauta", onde tem todas as informações que você precisa pra mandar sugestões de história pra gente.

O Rádio Novelo Apresenta tá disponível nos principais aplicativos de áudio. E ainda dá pra ouvir direto no nosso site, onde a gente também disponibiliza transcrições de todos os episódios.

Se você ainda não segue a Novelo nas redes sociais, vem se juntar à gente. Tamo no @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram. O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A Mariana Leão e o André Ramos colaboraram na montagem desse episódio.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro e pelo Bruno Lima.

Nesse episódio, a gente usou música original Aline Gonçalves, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.